

# 1

## Introdução: a obra heideggeriana e o problema do novo

À primeira vista, o tema do novo não ocupa lugar de destaque no corpo de obras escritas por Martin Heidegger. Não há, por exemplo, uma obra dedicada explicitamente a esse tema, ou sequer um capítulo que o contemple no título. Raras são as aparições, esparsas em suas obras, do termo “novo” (*Neu*) e de seus derivados. Aparentemente, esses conceitos surgem relacionados apenas à decadência, na ontologia fundamental, e à simples inversão histórica, sem uma relação autêntica com a origem, na filosofia após a viragem (*Kehre*).

Apesar de tudo isso, é factível ainda conceber que o pensamento heideggeriano está diretamente relacionado ao novo, ou, pelo menos, a uma concepção bem específica do novo. Para isso, é preciso interrogar esse fenômeno para além das indicações textuais que se dão explicitamente no texto.

O que é apresentado nessa tese, não é tanto a análise do novo no âmbito da decadência e das inversões históricas, mas o novo como abismo instaurador de mundo, seja na analítica existencial, seja no pensamento após a *Kehre*, enquanto começo originário. Isso implica a leitura da obra heideggeriana numa perspectiva diversa da usual, necessariamente violenta, ao reconsiderar a maior parte do que Heidegger afirma sobre o novo para reencontrar esse conceito, de uma forma muito mais originária, como um dos eixos em torno do qual o seu pensamento se desenvolve. Ou seja, na medida em que se torna claro o porquê da rejeição heideggeriana ao novo, enquanto fenômeno da decadência ou da simples inversão histórica, abre-se a perspectiva de um novo mais originário.

Para essa tarefa, encontramos a figura do novo originário sob outras definições, como, por exemplo, na expressão “outro começo”. O “outro começo” é um ‘novo começo’, embora não na perspectiva de uma simples inversão, isto é, não se trata de atualização do anterior, ou mesmo de rejeição do antigo, em prol da ‘mera novidade’. A expressão “outro começo” aparece, em várias obras após a viragem, como a possibilidade de um outro pensamento, que não se dê mais a partir do ente e sim, do ser enquanto ser. O novo aparece como um “outro começo”, mas isso não quer dizer que o tema não esteja presente nas obras anteriores à viragem. Pelo contrário, o novo no contexto de um “outro começo” já

aparece em alguns dos seus elementos incipientes na trajetória heideggeriana que se estende desde seu início até a ontologia fundamental, fase que compreende o que normalmente se denomina “primeiro Heidegger”.

O tema do novo aparece, mas não explicitamente, já nos primeiros cursos heideggerianos, como a possibilidade de um advento que rompa com as relações cotidianas assentadas na temporalidade vulgar, o tempo da seqüência de agoras. No curso de 1920-21, *Introdução à fenomenologia da religião*, Heidegger procura pensar o tempo a partir das primeiras experiências cristãs antes do cristianismo, o tempo kairológico. Já nesse curso, surge a noção de um advento que, inesperada e repentinamente, transforma por completo a existência humana.

Essa visão do tempo, como aquilo que possibilita uma radical transformação na existência, seria o mote de toda a ontologia fundamental. O novo, nesse contexto, significa o novo no âmbito da existência; uma existência completamente diferente, a partir da incisividade do tempo. Não se trata da mera alteração dos elementos constituintes da existência humana, mas da descontinuidade radical do sido. Em *Ser e tempo*, obra que tomamos como referência para o período da ontologia fundamental, essa descontinuidade é a cisão que se dá no instante. O indivíduo que se cinde a partir da sua resolução não é mais o mesmo ente de antes, e não num sentido periférico, mas naquilo que há de mais fundamental.

Heidegger apropria-se de vários conceitos da filosofia de Kierkegaard, naquilo que denominaremos de ‘estrutura do novo’. Essa estrutura do novo está diretamente relacionada à questão da existência em Kierkegaard, aspecto que permeia a analítica existencial que Heidegger efetua em *Ser e tempo*. Embora Heidegger relacione o caráter existencial com a questão do ser, algo ainda impensado pelo filósofo dinamarquês, ele anuncia explicitamente a sua dívida com Kierkegaard em relação à temporalidade. É no instante que se decide a existência do ser-aí, o ente que “eu mesmo sou”. Essa decisão instaura uma nova possibilidade no âmbito da existência, mas essa nova possibilidade não é uma alteração qualquer nas relações cotidianas do ser-aí, e sim uma radical transformação no ser-aí como um todo. A totalidade dessa transformação implica um mundo distinto do anterior, mundo cujo centro se constitui na decisão, ao optar pela possibilidade mais própria de ser. É nesse contexto que encontramos o fenômeno do novo em *Ser e tempo*, o irromper do “autêntico e novo” (*echt und*

*Neu*), para traduzir uma expressão dessa obra, e não no âmbito da decadência, onde Heidegger apresenta o novo relacionado principalmente à curiosidade. Cotidianamente, procura-se o novo apenas como aquilo que pode entreter, como aquilo que meramente substitui o antigo na velocidade das atualizações. Chamaremos o novo que aparece nesse domínio de ‘mera novidade’, por oposição ao ‘autenticamente novo’.

A partir da tonalidade afetiva da angústia, o ser-aí pode chegar ao “autêntico e novo” e distanciar-se da ‘mera novidade’, A angústia é a tonalidade afetiva que leva o ser-aí a defrontar-se com aquilo que constitui mais intimamente a sua existência, o nada. O novo surge como uma inserção no nada. No projeto, o ser-aí abre a sua possibilidade mais própria, que nunca é algo simplesmente dado, mas uma possibilidade de ser. A projeção para a possibilidade de ser é, ao mesmo tempo, uma projeção que se apropria do seu estar-lançado em direção a um abismo. A resolução que advém da decisão não é uma certeza; antes, é uma antecipação da possibilidade de ser si mesmo em meio à vertigem do abismo que a angústia libera. A tonalidade afetiva da angústia afina o ser-aí na possibilidade de apropriar-se de si mesmo, possibilidade que se dá ao defrontar-se com o fato de que não há nenhum fundamento ou sustentação do seu ser. Na decisão, o ser-aí se projeta para a possibilidade aberta enquanto abismo, na medida em que, no seu projetar, o ser-aí não pode se apoiar em nenhum ente.

Após a viragem, o pensamento heideggeriano procura ocupar-se com o ser enquanto tal, sem ter que percorrer o fio-condutor da existência humana. Nesse registro, o novo não está mais associado ao ser-aí singularizado, e sim à história do ser. Trata-se da possibilidade de pensar o ser de um outro modo, que não o realizado pela metafísica, ou seja, a partir da possibilidade de um “outro começo”. Nele, o ser não é mais concebido a partir do ente e sim na sua manifestação histórica e na retração que ocorre simultaneamente. A história do ser comporta diferentes configurações epocais sobre o modo como o homem o concebeu. A metafísica é a história do ser até então.

Ao mesmo tempo em que Heidegger procura na experiência primordial dos pensadores pré-socráticos, a incipiência de um pensamento não dominado pela metafísica, ele também procura a possibilidade de um “outro começo” em relação à metafísica. O pensamento rememorativo está articulado, dessa forma, com um pensamento antecipativo. Ambos se pertencem mutuamente na passagem

para o outro começo. Entretanto, o “outro começo” não é apenas mais um “início”, como tantos que podem ser identificados na história.

Uma época é identificada a partir do modo de conceber o ser naquele mundo e, nesse sentido, ela possui início e fim. Porém, a expressão “outro começo” não assinala apenas mais uma mudança nos modos de compreender o ser do ente, mas a possibilidade do ser enquanto tal manifestar-se por si mesmo.

O que denominamos como sendo uma ‘estrutura do novo’ mantém-se na segunda fase do pensamento de Heidegger, não mais relacionada ao ser do existente humano, ao ser-aí, mas ao ser enquanto tal. Embora deslocada da questão da existência, ainda perdura a noção do instante como irrupção do tempo que permite o dar-se do acontecimento-apropriador. A passagem ao outro começo é descrita como um salto, conceito de matriz kierkegaardiana, embora sem a conotação que lhe empresta o filósofo dinamarquês para marcar a ruptura dos estágios da existência. O salto é pensado como o salto abismal, não dialético e descontínuo, do pensamento para o outro começo.

O novo, após a viragem, será concebido como esse “outro começo”, um “começo originário” que se instaura na sua proximidade com a origem. Os pensadores da origem são aqueles que anteciparam o porvir na possibilidade de um novo começo. Pensar o impensado é a tarefa do pensador que se situa no trânsito, na passagem do primeiro ao outro começo. Os pensadores da passagem são aqueles que antecipam o novo. Dentre eles, está a figura central de Hölderlin, o poeta que põe-em-obra a verdade do ser no pensamento da origem, e Nietzsche, o pensador que levou a metafísica à sua consumação e, ao mesmo tempo, vislumbrou a possibilidade de um outro começo. A figura do criador, no pensamento após a viragem, é tomada num sentido pós-metafísico, ou seja, não denota alguém que cria por vontade ou razão próprias e sim, aquele que corresponde ao ser no seu apelo e, por isso, antecipa o novo. A antecipação do novo não advém, portanto, de um processo temporal contínuo, mas da proximidade da origem, retraída na história do ser enquanto metafísica. Os pensadores da passagem, que sempre são criadores, não são aqueles que voluntariamente realizaram algo qualquer que não havia anteriormente, mas aqueles que anteciparam o possível, numa repetição do sido.

O texto a seguir busca mostrar como a questão do novo esteve presente no pensamento heideggeriano, tanto no período da ontologia fundamental quanto na

busca da superação da metafísica em direção ao *Ereignis*. Porém, isso não implica apenas uma exegese das obras heideggerianas ou um comentário sobre os trechos em que esse filósofo deteve-se sobre o novo. Trata-se, de um modo mais essencial, de interpretar o texto heideggeriano a partir da perspectiva do sentido do novo, o que pressupõe mostrar que esse tema, que quase não aparece textualmente, é um dos conceitos diretrizes do seu projeto filosófico; tema que mantém a sua vigência na retração. Assim, o propósito não é tanto o de uma ‘fidelidade histórica’ ao pensamento heideggeriano, mas sim, o de explorar, num diálogo apropriador, as possibilidades que o seu pensamento propicia.